

Novas e velhas intimidades nas ruas: as manifestações de 2013 no Brasil da perspectiva da intimidade cultural¹

Maria Suellen Timoteo Correa ²

Resumo

O presente artigo traz uma análise das manifestações e dos protestos ocorridos em 2013 no Brasil. Esses eventos são pensados como ações dinâmicas de interlocução com o Estado. Dessa forma, o artigo reflete sobre como os atores participam dessa interlocução e como pensam e vivenciam o Estado e a política em determinados momentos de sua vida.

Palavras chave: manifestações, protestos, antropologia, intimidade cultural

Abstract

This article analyses public demonstrations and protests in 2013 in Brazil as dynamic actions for dialogue with the state and brings reflections on how the actors are involved in this dialogue and how they think and experience the state and politics in some moments of their lives.

Keywords: public demonstrations, protests, anthropology, cultural intimacy

¹ Este artigo foi produzido com base no trabalho final para o curso Etnografias de Práticas Políticas, ministrado pela profa. Ana Claudia Cruz da Silva, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF) no primeiro semestre de 2013.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF), bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela mesma universidade.

Introdução

Este artigo apresenta reflexões com base em uma chave interpretativa sobre as manifestações e os protestos ocorridos simultaneamente em várias cidades do Brasil em 2013. Para muitos, foi uma das mobilizações mais importantes que já ocorreram no país.

As manifestações nas ruas de várias cidades brasileiras, ao longo de 2013, apresentaram-se com características e episódios específicos e que, por serem também diversos e dinâmicos, privam o presente artigo de detalhada descrição de todo o contexto nacional. São apresentadas aqui uma descrição dos acontecimentos e análises que partem da observação das manifestações ocorridas em junho e julho nas ruas do Rio de Janeiro e de Niterói, e das manifestações referentes à greve dos profissionais da educação das redes estadual e municipal do Rio de Janeiro nesse mesmo ano – pude estar presente nesses eventos e observá-los.

Apesar dos efeitos causados posteriormente pelas manifestações e da existência de uma movimentação dos manifestantes que precede a chegada deles às ruas, torna-se necessário explicitar que o foco deste texto está na observação dos atores nesses eventos.

Algumas análises dessas manifestações específicas podem ser relacionadas ao contexto nacional, pois, apesar da diversidade e da dinâmica dos episódios, é possível estabelecer semelhanças entre alguns aspectos das manifestações por todo o país no que diz respeito às suas pautas, ao modo como muitos manifestantes se apresentaram e aos grupos que compuseram esse “mar” de pessoas nas ruas brasileiras.

As semelhanças mostram como os atores se manifestavam nas ruas em uma dinâmica dialógica com o Estado, seja para se opor a ele, seja para acioná-lo. Mostram também como esses atores vivenciam a política, ainda que

para muitos essa esfera esteja aparentemente próxima apenas em eventos políticos específicos, como as eleições.

Considerando uma variedade de possibilidades analíticas, ao longo deste texto são apresentadas algumas ações dos manifestantes relacionadas ao conceito de “intimidade cultural”, de Michael Herzfeld, antropólogo e professor da Universidade de Harvard. As manifestações foram pensadas como integrantes do universo da política que está presente no cotidiano das pessoas e está relacionado às mais variadas esferas da vida social.

Espera-se trazer novas reflexões a práticas já existentes, mas que vão adquirindo novas feições e participações. Essas novas reflexões estão relacionadas ao exercício de tratar as ações dos atores de forma mais dinâmica e processual, e, portanto, menos reificada.

A dinâmica das manifestações e de seu caráter político

O sentimento de indignação com o Estado, com a política e os políticos, o uso por parte dos manifestantes de símbolos nacionais – como a bandeira do Brasil e suas cores – e os “gritos de guerra” são exemplos de elementos presentes em várias manifestações pelas ruas do Brasil. Era como se muitas pessoas resolvessem “pôr para fora”, junto com outras, percepções e sentimentos a respeito do universo da política relacionado a vários aspectos da vida de cada brasileiro.

É importante olhar para essa movimentação como algo que ultrapassa a esfera política, pois esta abrange toda a sociedade e tem por ela perpassadas feições que não estão ligadas somente à ideia de política convencional. Por permear vários aspectos da vida social, o universo da política é visto também como algo instável, e, segundo Herzfeld, “no

pensamento antropológico atual, toda a política é um fenômeno dinâmico, ou processo” (2001, p. 121, tradução nossa).

Como consequência das observações das manifestações, do discurso dos manifestantes e da mídia (tradicional e alternativa), é possível perceber as relações políticas entre os atores nas ruas e o Estado a partir de diversas chaves ou, segundo Barreira e Palmeira, “com base em ângulos analíticos variados” (1998, p. 10). Essa variedade analítica permite a visão de diferentes pontos ao se pensar nas manifestações como fazendo parte das mais amplas dimensões da vida social, e não somente da política como conceito fechado.

Ainda de acordo com Barreira e Palmeira, “do mesmo modo que uma ‘festa de santo’ não é apenas um fenômeno religioso, uma eleição, mais do que um evento propriamente político, é um fenômeno social, que pode ser explorado em múltiplas direções” (1998, p. 9). Assim, podemos afirmar

que, do mesmo modo que uma eleição, a manifestação é mais do que um evento propriamente político. Neste artigo, portanto, a análise baseia-se em diferentes contextos do cotidiano da política e da vida social para estabelecer reflexões sobre os acontecimentos referidos. Pretende-se fazer uma análise que ultrapasse abordagens negativas sobre a concepção e a vivência política dos atores.

Palmeira e Goldman (1996, p. 7), ao apresentarem trabalho sobre voto e representação política, fazem uma crítica pertinente às abordagens tradicionais que analisam o voto e as eleições da perspectiva de um papel negativo do eleitor e da dinâmica eleitoral nesse processo político, mostrando muitas vezes a falta de racionalidade, de informação ou de eficiência para ilustrar o processo eleitoral e seus atores. Esta análise visa ultrapassar esse tipo de abordagem, buscando entender as relações entre as pessoas, as manifestações e o mundo da política e o Estado em determinados momentos, suas

particularidades e eficácias, indo além de interpretações que consideram as manifestações comportamentos massificados, por exemplo.

Uma prática também frequente é apartar conceitualmente Estado de povo e tratar essa separação de forma concreta e natural. Para Herzfeld (2008, p. 19), essa separação não passa de “idealização simbólica”. A seguir, trato um pouco mais sobre as manifestações a fim de aproximar o leitor desses “espaços sociais íntimos” dos atores nas ruas, ou seja, espaços de familiaridade com as bases de poder e o meio da política no entender dos manifestantes.

Manifest(ações)

As primeiras manifestações, da forma como se configurou seu conjunto ao longo de 2013, tiveram início em junho, em várias capitais do Brasil, e ocorreram por meio de protestos e manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL), que, além da

pauta pelo passe livre, protestava contra o então recente aumento das passagens de ônibus. As pessoas começaram a aderir de forma exponencial às movimentações, sobretudo por meio de convocações feitas em redes sociais da internet. Diferentemente de muitos movimentos anteriores, a adesão não se dava apenas – ou em esmagadora maioria – por militantes estudantis ou ligados a sindicatos e movimentos sociais, mas também por pessoas que não tinham relação anterior com movimentos políticos e manifestações. Nesse período, a crescente mobilização foi assistida como um renascimento da participação política dos brasileiros, sentimento que pode ser traduzido em um bordão que passou a ser repetido tanto pela mídia quanto em cartazes e em falas pelas ruas: “O gigante acordou!”.

O movimento foi crescendo, juntando-se a ele grupos que já se articulavam e tinham suas próprias pautas dadas previamente e pessoas sem nenhum engajamento político anterior

às manifestações de 2013. A adesão foi se tornando cada vez maior em todo o Brasil. As manifestações já não eram organizadas por lideranças específicas e ocorriam de maneira fragmentada e plural. As chamadas e os convites para a participação nesses eventos eram difusos no que dizia respeito à sua origem. Os manifestantes tinham suas próprias reivindicações, muitas ligadas a questões sociais como saúde, educação, transporte, violência etc. Outras questões levantadas nas ruas tinham a ver com a corrupção, a visão negativa de muitos manifestantes em relação à política, ocasionando o que começou a ser denominado pela imprensa, por políticos e especialistas como “crise de representatividade”.

Em muitos momentos, foi possível perceber as pessoas nas ruas gritando “Sem partido, sem partido!”, demonstrando a insatisfação com a presença de partidos políticos nas passadas. Houve discussões entre pessoas

com bandeiras partidárias e outras sem. Paralelamente ao movimento contrário aos partidos políticos, foi vista nas ruas uma chamada onda de nacionalismo, com grande parte da população usando bandeiras e camisas do Brasil, pintando o rosto de verde e amarelo – lembrando o movimento dos “caras pintadas” em 1992, pelo *impeachment* do então presidente da República, Fernando Collor de Mello – e cantando o hino nacional.

Muitos começaram a buscar referências internacionais, como os grupos Anonymous e Black Bloc, movimentos apartidários com manifestantes mascarados no primeiro e vestidos de preto no segundo. O Black Bloc³ é visto por muitos como tendo por base o anarquismo. Os Anonymous, segundo seu site oficial,⁴ não se consideram grupos, não têm líderes e lutam contra a corrupção e pela liberdade.

Outras pautas foram se apresentando nas ruas, como a contrária à

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Black-Bloc-Brasil/353035154737576>. Acesso em: 19 ago. 2013.

⁴ Disponível em: <http://www.anonymousbrasil.com/sobre-anonymous>. Acesso em: 19 ago. 2013.

repressão e à investida dos policiais durante as manifestações, que se utilizavam de violência contra os manifestantes, sobretudo estudantes, entre os quais muitos – junto com professores nas manifestações de outubro – foram agredidos com balas de borracha, gás lacrimogêneo e *spray* de pimenta. Muitos manifestantes também foram presos sem portar nenhuma arma ou sem ter participado de nenhuma ação ilícita. Os atos de violência e abuso de poder e as investidas policiais levando manifestantes para delegacias foram registrados e mostrados por mídias alternativas, como a Mídia Ninja, sigla para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação.

Além da violência policial nas ruas, juntaram-se às pautas reivindicações contrárias à violência de policiais em comunidades. O movimento se uniu às manifestações dos moradores do Complexo da Maré depois da ocupação da favela Nova Holanda pelo Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), em 24 de junho de 2013,

após um protesto na Av. Brasil que terminou com treze mortos. Outra pauta relacionada à violência policial se apresentou com o desaparecimento do ajudante de pedreiro Amarildo de Souza, visto pela última vez em 14 de julho de 2013, quando foi levado por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha (ver MAIA, 14/8/2013).

Ao lado das questões contrárias à violência empregada pelo Estado, os manifestantes se mostraram em desacordo com projetos institucionais e políticos, como a cobrança de altos impostos e o projeto chamado de “Cura Gay”, que, depois de ser aprovado pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados – presidida pelo pastor Marco Feliciano, do Partido Social Cristão (PSC) –, estava em pauta no Senado e suspendia a validade de uma resolução de 1999, do Conselho Federal de Psicologia, que impede psicólogos de atenderem homossexuais (LGBT) para

tratamento de suposta “desordem psíquica”. Além desse projeto, manifestantes reivindicaram em oposição ao preconceito, à homofobia e à violência contra os homossexuais e as mulheres, culminando nos movimentos LGBT e na “Marcha das Vadias”. A proposta de emenda constitucional 37/2011 (PEC 37), que retira do Ministério Público a atribuição de realizar investigações, também foi repelida pela multidão de manifestantes, entre outras demandas ao longo dos protestos.

Outra pauta presente em muitas manifestações foi a posição contrária a eventos como a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016, ambas no Brasil, e aos recursos exorbitantes utilizados, além das desocupações – como na Aldeia Maracanã – e dos problemas patrimoniais e sociais decorrentes desse tipo de ação. Essa reivindicação desencadeou grandes manifestações nos arredores dos estádios onde ocorriam os jogos da Copa das Confederações em junho de 2013. Além da posição contrária a esses

eventos ou ao que resultou deles, algumas pessoas se manifestaram contra os gastos para a visita do papa ao Brasil, ocorrida em julho de 2013.

No Rio de Janeiro, manifestantes do movimento “Fora Cabral”, que apontava e reclamava de irregularidades ao longo do mandato do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) – suas relações com empresários, gastos e utilizações ilegais de recursos públicos, como o uso de helicópteros oficiais para questões pessoais, problemas com obras demoradas e com custos dobrados –, além de organizarem protestos, estiveram presentes no “Ocupa Cabral”, acampamento em frente à residência do governador, na Rua Delfim Moreira, no Leblon, bairro nobre e um dos mais caros da cidade. Além do movimento “Fora Cabral”, muitos manifestantes se mostraram contrários ao prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, que

apresentava, segundo eles, ações políticas similares às de Cabral.

Por meio dessas pautas apresentadas nas manifestações, é possível perceber o caráter dinâmico desses eventos ao longo de 2013, evidenciando as ações descritas de forma interligada aos vários aspectos da vida social, não devendo ser tratadas separadamente da esfera política. Pensar nas questões relacionadas ao mundo da política, como o poder, de forma interligada às práticas do dia a dia nos faz entender melhor a política e não tratá-la como uma esfera separada:

Pensando em poder como um ato, como um "modo de ação sobre as ações" (FOUCAULT, 1976, p. 316), exige de antropólogos uma exploração empírica de ambas as práticas individuais e padrões que estes interrompem ou confirmam. Tentando levar em consideração o exercício do poder e suas raízes nas complexidades da prática cotidiana nos permite compreender melhor a política [...]. (HERZFELD, 2001, p. 122, tradução nossa).

Dois exemplos de manifestação merecem mais destaque a fim de ilustrar melhor as questões que seguem na análise com base em comparações: a manifestação do dia 20 de junho e a do dia 15 de outubro de 2013.

Em 20 de junho de 2013, uma multidão de mais de 300 mil pessoas caminhou da Candelária até a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, na Av. Presidente Vargas, no Centro. A manifestação, convocada por muitos por meio das redes sociais, mostrou-se simbólica, considerando expressão criada para o que ocorreria nesse mês: "Primavera de Junho". Toda essa movimentação foi fortemente permeada de situações e de atos relacionados às outras manifestações que se seguiram ao longo do ano.

Grande número de pessoas segurava cartazes relacionados em especial às pautas descritas anteriormente, mostrando críticas ao Estado democrático representativo e a

práticas relacionadas a ele, como a questão partidária (“Nenhum partido me representa”) ou a alta carga tributária aprovada por representantes políticos. A multidão caminhava sob a cantoria do hino nacional e de canções como “Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”. Muitas pessoas estavam com o rosto pintado de verde e amarelo, cobriam-se com bandeiras do Brasil ou com tecidos que representavam suas cores, vestiam-se com camisas da seleção brasileira, além de cobrirem o rosto com lenços ou máscaras a fim de se protegerem de possíveis ataques de *spray* de pimenta e gás lacrimogêneo. Além da forte presença de um orgulho nacional, muitos “gritos de guerra” estavam relacionados à crítica aos governos de Sérgio Cabral e Eduardo Paes, e à Polícia Militar.

A manifestação começou a dispersar antes mesmo de a maioria dos manifestantes chegar até o ponto final estabelecido, a prefeitura, pois um paredão de policiais já se

encontrava antes do prédio para impedir que as pessoas se aproximassem desse ponto. Um grupo de manifestantes que estavam à frente sofreu investidas com *spray* e gás e, ao longo da noite e da madrugada, muitas pessoas foram cercadas em estabelecimentos comerciais, universidade e praças, no centro da cidade e nas adjacências, por policiais que investiam com suas armas não letais contra elas. No dia seguinte, a mídia focava a atenção nos tumultos e nos “quebra-quebras” causados por grupos pelo centro do Rio a fim de associar as manifestações a esse tipo de ação e legitimar as investidas policiais.

É possível perceber, nas movimentações de junho, um caráter mais eclético e variado, considerando as pautas suscitadas por cada manifestante – variadas e não deliberadas anteriormente. Nesse aspecto, as manifestações que se apresentaram em outubro de 2013, no contexto da greve dos profissionais da

educação da rede estadual e municipal do Rio – mais especificamente a do dia 15 de outubro –, diferem das de junho porque tiveram como foco a questão da educação pública, levando milhares de pessoas às ruas por causa dessa pauta específica.

Em 15 de outubro, Dia do Professor, milhares de pessoas foram às ruas de algumas capitais brasileiras se manifestar a favor da educação e dos profissionais dessa área, participando do que se chamou nas redes sociais de “Um milhão pela educação”. As principais motivações foram o apoio à greve dos profissionais da educação do município e do Estado do Rio de Janeiro que havia começado em agosto (além da greve dos profissionais da educação em outras cidades); o apoio a uma educação pública de qualidade; e o repúdio à violência cometida pela Polícia Militar contra professores ao longo dos atos relacionados à greve nesse período. Apesar de não ter a variedade de

pautas das manifestações de junho, a manifestação de outubro teve semelhanças com aquelas: a participação também de pessoas que antes não estavam vinculadas a um histórico de envolvimento com sindicatos, partidos ou movimentos.

Nas manifestações de outubro, não havia aversão declarada a partidos políticos, movimentos etc., tampouco o uso por parte de muitos manifestantes de bandeiras nacionais e suas cores. Viam-se partidos, movimentos, sindicatos e instituições educacionais representados nas manifestações. A divulgação desse evento também contou com convites feitos pelas redes sociais, comprovando a crescente tendência e importância mostrada por Castells (2013) do uso da internet e das redes sociais como “espaços de autonomia”, comunicação e compartilhamento de dores e esperanças nos protestos e nos movimentos sociais.

A marcha teve início na Candelária e terminou em frente à

Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, na Cinelândia. Conforme os manifestantes chegavam à Cinelândia, muitos, com medo, começavam a ir embora, e as investidas policiais tinham início, causando ferimentos em manifestantes, muitos destes professores. Os Black Blocs foram às manifestações de outubro, sobretudo a essa última, afirmando dar proteção aos professores em virtude da violência sofrida por esses profissionais. Muitos Black Blocs se colocavam entre a polícia e os manifestantes, e muitos professores acionaram essa situação para defender e agradecer a ação do grupo. Ao fim da manifestação, várias pessoas ficaram feridas e aproximadamente duzentas foram presas, em sua maioria consideradas pelos manifestantes e pela mídia alternativa “presos políticos”, pois não agiram de nenhum modo ilegal, apenas em seu direito de se manifestar.

Com base na observação dos atores nas ruas e em como seu

conjunto tomava forma nas manifestações, pensei-as de acordo com uma possível visão sobre os acontecimentos: as manifestações – como ação dos atores em relação ao Estado – foram relacionadas ao conceito de “intimidade cultural”, de Michael Herzfeld. Para tornar mais inteligível essa chave interpretativa, é importante discorrer mais sobre seu significado.

Intimidade cultural

Para Herzfeld, intimidade cultural é

o reconhecimento daqueles aspectos da identidade cultural que são fonte de embaraço, mas que não obstante fornecem aos iniciados a garantia de sociabilidade comum, a familiaridade com as bases de poder que em certa altura podem assegurar aos desfavorecidos certa irreverência criativa e no momento seguinte reforçar a eficácia da intimidação. (2008, p. 17).

A intimidade cultural se dá no ponto em que há familiaridade com as bases de poder, o reconhecimento de dispositivos burocráticos e oficiais como “fenômenos familiares e quotidianos” (HERZFELD, 2008, p. 18), e que, por meio de um embaraço, toma a forma de linguagens culturais que descrevem essa representação coletiva. A partir dessa análise, percebemos que muitos elementos do mundo da política estão no cotidiano dos brasileiros e são familiares para eles, que têm suas próprias interpretações a respeito: “Embaraço, reconhecimento próprio magoado: são os indicadores principais daquilo de que trata a intimidade cultural. Não são somente sentimentos pessoais, mas descrevem a representação coletiva da intimidade” (HERZFELD, 2008, p. 22).

As manifestações de 2013, iniciadas em junho, podem ser vistas, portanto, como momentos de “irreverência criativa” por parte da população, considerando a visão desta em relação

ao Estado e como se via em determinados momentos desfavorecida em face das ações oficiais.

Tarrow (2009, p. 18), ao trazer um quadro teórico amplo sobre os movimentos sociais e os confrontos políticos, afirma que as manifestações de oposição, desencadeadas por oportunidades e restrições políticas, têm início a partir de repertórios de ação conhecidos, mas se expandem ao criar “inovações marginais”.

Um fator determinante para a questão dessa irreverência foi o uso de símbolos nacionais nas manifestações, como o hino e a bandeira do Brasil, que estão relacionados a esses espaços íntimos, uma vez que a intimidade cultural está associada ao nacionalismo, em uma situação de “dependência mútua” (HERZFELD, 2008, p. 24),

pelo fato de a intimidade cultural ser um produto ocidental para o autor.⁵

Ao pensar na gênese das milícias locais nos Estados Unidos, Herzfeld percebe “por que tantos destratores ferozes do Estado podem, não obstante, reclamar-se profundamente patriotas” (2001, p. 90, tradução nossa) ao relacionar essa ação à intimidade cultural. O uso dos símbolos nacionais, no caso das manifestações, pode, portanto, ser entendido como uma “apropriação criativa” (HERZFELD, 2008, p. 17) por parte dos atores de símbolos legitimados e relacionados ao Estado-nação em momentos de oposição a esse Estado e ao que direta ou indiretamente está relacionado a ele. Na visão desses atores, como nos casos descritos, são aspectos do universo da política o partidarismo, a corrupção, ações como aumento de impostos e de passagens do transporte público, determinadas legislações etc.

Nesses casos, a intimidade cultural tomou a forma de “demonstrações ostensivas dessas alegadas características nacionais” oficializadas e legitimadas, que são a bandeira nacional, o verde e amarelo, o “orgulho de ser brasileiro” etc., “que proporcionam aos cidadãos um sentido de orgulho desafiador face a uma moral mais formal ou oficial, e às vezes também à desaprovação oficial” (HERZFELD, 2008, p. 18).

É importante frisar que esses símbolos nacionais não são dotados de significados estáveis e petrificados, mas são construídos e ressignificados ao serem manipulados pelos manifestantes. Como afirma Tarrow, os símbolos não estão disponibilizados de forma automática; é preciso que agentes os transformem em “quadros interpretativos de confronto” (2009, p. 157).

Portanto, é interessante pensar no uso dessa simbologia nacional nas

⁵ Mais sobre a intimidade cultural como fruto de domínio dos modelos ocidentais é explicitado no capítulo “Novas reflexões sobre a geopolítica da intimidade cultural”, encontrado em Herzfeld (2008, p. 63-103).

manifestações além da questão do sentimento nacional, não só como construção imaginada de uma comunidade, conforme considera Anderson (2008), mas também como construção de uma identidade (ainda que momentânea) que mostra ser íntima das práticas e apresentações oficiais, mas não mostra estar de acordo com elas.⁶

Essa identidade construída com base nas manifestações pode ser pensada não apenas como comunidade simbólica mas também como uma “estrutura de poder cultural”, no sentido atribuído por Hall às culturas nacionais como um “dispositivo discursivo” que constrói sentidos e representa uma noção de unidade e de identidade (2006, p. 61-62). E esta é considerada momentânea, pois diz respeito a uma identidade ligada ao sujeito pós-moderno de Hall, que não tem identidade fixa, mas sim fragmentada e definida historicamente.

Desse modo, o uso dos símbolos nacionais, fruto de criatividade e de intimidade cultural, acionados em um momento específico, deu um tom de unidade e identidade às manifestações que contemplavam manifestantes com razões e interesses diversos, mas que traziam insatisfações e revoltas em comum. O uso dos símbolos nacionais acabou por mostrar os manifestantes em diálogo e em confronto simbólico com as políticas do Estado:

Os símbolos são extraídos seletivamente de um reservatório cultural [...] e combinados a crenças orientadas para a ação, de modo a navegar estrategicamente em meio a um paralelogramo de atores, que vai desde estados e oponentes da sociedade até militantes e populações-alvo. O mais importante é que a eles é dada uma valência emocional que visa converter a passividade em ação. (TARROW, 2009, p. 147).

É importante frisar a análise dessas manifestações considerando

⁶ Ver mais sobre a crítica a Anderson em Herzfeld (2008, p. 20-21).

uma visão delas como fruto de um momento particular e instável, e não como algo dado, pois a intimidade cultural tem como característica um conteúdo inconstante, já que está relacionada a uma oficialidade mutável. A intimidade cultural “representa as alternativas às visões oficiais do momento que, a despeito de todas as suas pretensões de verdade eterna, são comprovadamente instáveis” (HERZFELD, 2008, p. 76).

O fato de milhões de pessoas terem participado dessas manifestações por todo o Brasil traz algumas questões para a discussão: primeiro, é importante pensar nas mídias alternativas e nas redes sociais – cada vez mais acionadas pelas pessoas – como importante contribuição para uma divulgação mais ampla e rápida a fim de facilitar o quantitativo de pessoas nesses eventos. Além disso, as manifestações contaram com a presença de pessoas que já tinham engajamento político anterior, seja com a participação

em sindicatos, seja em partidos e movimentos políticos e sociais.

No entanto, esse considerável quantitativo de participações mostra que não necessariamente, em 2013, as pessoas resolveram sair de casa e ir para as ruas porque estavam cansadas e no ápice da insatisfação ou como se uma súbita revolta tomasse conta da população, como se as pessoas sofressem de um “espasmo social” – em referência à “visão espasmódica da história popular” criticada por Thompson (2008) –, tampouco mostra essa grande adesão porque as pessoas tomaram “consciência política” (indo ao encontro da expressão constantemente exposta nas ruas e pela mídia: “O gigante acordou!”). Em outros momentos da história do Brasil, grandes manifestações também ocorreram, como o já mencionado movimento dos “caras pintadas” ou a marcha pelas eleições diretas em 1984.

Por que muitas pessoas não consideradas anteriormente engajadas no mundo da política se apresentaram

nesses eventos? Herzfeld fornece algumas pistas para se pensar essa questão, mas é importante, como afirma Žižek em “Problemas no Paraíso” (2013, p. 184), evitar o essencialismo de pensar em um único objetivo perseguido pelos manifestantes, pois se deve considerar que o que une os manifestantes, além do sentimento de descontentamento, são fatores que não podem ser resumidos a uma única questão, como a economia e a ideologia política.

Para Herzfeld, a harmonia nacional “apresenta uma superfície enganadoramente plana” (2008, p. 16). Ao pensar além dessas “fachadas da unanimidade nacional”, o autor investiga a dissidência criativa vinda da intimidade cultural e percebe que nela até os cidadãos que se opõem ao Estado o invocam para acusá-lo de seus fracassos, e os cidadãos considerados mais leais (HERZFELD, 2008, p. 15) – que tomo como aqueles que não vivem em situações constantes de embate ou diálogo com o Estado, como os que são

partidarizados, sindicalizados ou que participam de movimentos sociais – se apropriam de linguagens e símbolos oficiais para se opor ao Estado em alguns momentos. Com isso, “todos contribuem, através desses pequenos atos essencializantes, para fazer dele uma presença permanente nas suas vidas” (HERZFELD, 2008, p. 16).

Nesse processo, é possível pensar no Estado-nação e em seus essencialismos não como inimigos distantes do cotidiano das pessoas, mas fazendo parte de vários aspectos da vida social. Portanto, até quem não participa de espaços considerados convencionalmente políticos vivencia ao longo da vida o Estado e a política nas mais diversas dimensões sociais, uma vez que, como descrito no início desta análise, o mundo das relações de poder, além da ideia de política consagrada, está relacionado às mais diversas feições da vida cotidiana.

Durante as manifestações, foi possível observar um número crescente de pessoas ligadas ao grupo

Black Bloc sendo apresentadas, pelo discurso oficial e pela mídia tradicional, como relacionadas a categorias como “vandalismo” e “quebra-quebra” a fim de naturalizar e de não buscar questionamentos sobre a ação desses manifestantes, que muitas vezes agiam à frente das manifestações, em um embate defensivo com os policiais e, segundo os próprios, utilizando-se “da destruição da propriedade para trazer atenção para sua oposição contra corporações multinacionais e aos apoios e às vantagens recebidas dos governos ocidentais por essas companhias”.⁷ O uso da categoria “quebra-quebra” e “vandalismo” por parte da mídia era uma tentativa de deslegitimar as manifestações, uma vez que, em muitas reportagens e descrições da mídia, essas categorias eram remetidas aos momentos finais de todas as manifestações, mesmo sendo “pacíficas” no início e em seu decorrer. No editorial de um jornal de grande circulação, é possível ver o discurso que legitima e

cobra o combate do Estado às ações de “vandalismo” (NOBLAT, 30/10/2013).

Não se viam nesses meios de comunicação indagações a respeito do uso da destruição como exemplo de respostas dadas ao Estado e mesmo como exemplo de diálogo entre os manifestantes e o Estado, uma vez que a cada ato de violência e repressão por parte da polícia o número de Black Blocs ao longo do ano, pelo menos até as manifestações de outubro, foi crescendo e tendo uma constância na participação, nos atos de destruição de estabelecimentos comerciais e de objetos das ruas, mostrando manifestações íntimas desses grupos e pessoas.

No caso do alto grau de repressão e de abusos de poder cometidos durante as manifestações com os profissionais da educação em outubro, um sentimento de revolta se instalou em muitos daqueles que, nas manifestações seguintes e nas redes

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/info>. Acesso em: 11 nov. 2013.

sociais, repudiavam as ações truculentas contra professores que lutavam por melhorias na educação pública. Portanto, o próprio crescimento da participação dos Black Blocs e a simpatia de muitos professores e manifestantes pelo grupo pôde se dar também em virtude dessa resposta à crescente violência por parte do Estado. O sindicato dos profissionais da educação, em assembleia durante a greve, chegou a declarar apoio ao grupo (SABÓIA, 9/10/2013).

Ainda sobre a intimidade cultural e sua representação coletiva a partir de um embaraço,

repare-se que o delito das autoridades reside numa quebra da intimidade, aquela zona em que epítetos ofensivos são transformados em sinais de afeto íntimo. (HERZFELD, 2008, p. 102).

Além da violência e da repressão propriamente ditas, é possível pensar nelas como uma "quebra" da intimidade e de valores como liberdade e democracia, muito clamados

durante as manifestações e que nos faz pensar sobre o aumento das participações ao longo dos protestos, mesmo com a violência e a repressão crescentes. A liberdade e a democracia são valores pelos quais se lutou na ditadura e foram conquistados e construídos no período pós-ditadura militar no Brasil, sendo considerados objetos de nostalgia, muitas vezes reprimidos por parte do Estado e dos governos durante as manifestações e até antes delas, causando uma "quebra da intimidade". Além disso,

alguns anseiam por uma moralidade mais antiga e já desacreditada; outros relembram melancolicamente liberdades já desaparecidas e outros prazeres. Se o Estado reprimir todos esses objetos de nostalgia, arrisca-se a provocar a fúria, por fim incontrolável dos cidadãos. Esse é o dilema que a intimidade cultural coloca a todas as instituições oficiais. (HERZFELD, 2008, p. 103).

Uma ilustração da questão da indignação e do apoio aos que demonstram essa revolta pode ser vista

na afirmação de uma professora nas redes sociais depois das manifestações de outubro: “Depois de constatar o total descaso do Estado com a Educação Pública e seu desprezo pelo professor, só existe uma maneira de salvar o país das mãos desses fascistas, preparar nossos alunos para serem black blocs! Eu vou fazer isso!”⁸

Considerações finais

Analisando as variadas pautas das manifestações apresentadas ao longo deste artigo, os vários atores presentes nas manifestações e as diferenças entre esses eventos ao longo do ano de 2013 (percebidos aqui com base na descrição das manifestações de junho e outubro e nas demandas que se apresentaram), é possível perceber o caráter dinâmico das manifestações ao longo desse ano, além de um constante reordenamento

de conceitos e críticas dos atores a respeito do Estado.

Refletiu-se sobre o diálogo que os atores mantêm com o Estado e a política por meio da intimidade cultural, e sobre como em muitos desses momentos se estabeleceu uma suposta unidade construída pela apropriação de símbolos oficiais e legitimados por parte do Estado. Assim como Goldman (2006: 250) observou o estabelecimento de uma unidade do movimento afrocultural de Ilhéus nas relações com o Estado para a obtenção de incentivos, é possível observar, com os acontecimentos de 2013, a construção de uma aparente unidade – por meio da organização das manifestações e de aspectos como a apropriação de símbolos nacionais – para compor uma interlocução entre os atores e o Estado e mostrar as insatisfações e os desejos daqueles, além de ações de confronto.

⁸ Grupo “Professores do Estado do Rio de Janeiro”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/123242794422260>>. Acesso em: 24 out. 2013.

Apesar de seu caráter dinâmico e variado, as manifestações ocorridas ao longo de 2013 podem nos dar pistas para uma melhor compreensão de como os cidadãos de forma geral mantêm uma interlocução com o Estado e de como vivenciam o Estado e a política em determinados momentos da vida por meio de ações dinâmicas e simbólicas.

Referências

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARREIRA, Irllys; PALMEIRA, Moacir. Candidatos e candidaturas: enredos de campanha eleitoral no Brasil. São Paulo: Annablume, 1998.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GOLDMAN, Marcio. Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERZFELD, Michael. Anthropology: theoretical practice in culture and society. Malden, MA: Blackwell, 2001.

_____. Intimidade cultural: poética social no Estado-nação. Lisboa: Edições 70, 2008.

MAIA, Gustavo. Protesto marca um mês de desaparecimento de Amarildo no Rio; relembre o caso. 14/8/2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/08/14/protesto-marca-um-mes-do-desaparecimento-de-amarildo-no-rio-relembre-o-caso.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

NOBLAT, Ricardo. Vandalismo, democracia e fascismo (Editorial). 30/10/2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2013/10/30/vandalismo-democracia-fascismo-editorial-513602.asp>>. Acesso em: 30 out. 2013.

PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Marcio (Org.). Antropologia, voto e representação política. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996.

SABÓIA, Gabriel. Sindicato dos professores declara oficialmente apoio aos Black Blocks. 9/10/2013. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/educacao/2013-10-09/sindicato-dos-professores-declara-oficialmente-apoio-aos-black-blocs.html>>. Acesso em: 24 out. 2013.

TARROW, Sidney. O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

THOMPSON, Edward Palmer. A economia moral da multidão inglesa no século XVIII. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 150-202.

ŽIŽEK, Slavoj. Problemas no Paraíso. In: ___ et al. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013. (Coleção Tinta Vermelha). p. 181-195.